SERMONES DEL PADRE
JUAN CARLOS CERIANI
Radio Cristiandad

RÁDIO CRISTIANDAD

A Voz da Tradição Católica
Pe. Ceriani: Sermão para o Domingo da Paixão
Publicado no sábado, 21 de março de 2026 por P. VerboVen

DOMINGO DA PAIXÃO

Naquele tempo, Jesus disse à multidão de judeus: “Qual de vocês me acusa de pecado? E se eu digo a verdade, por que vocês não me creem? Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso vocês não as ouvem, porque não são de Deus”. Os judeus responderam: “Não temos razão em dizer que você é samaritano e endemoninhado?” Jesus respondeu: “Eu não sou endemoninhado; antes, honro o Pai, e vocês me desonram. Eu não busco glória para mim mesmo; há alguém que a busca, e ele julgará. Em verdade, em verdade vos digo: se alguém guardar a minha palavra, jamais verá a morte”. Os judeus responderam: “Agora sabemos que você está endemoninhado. Abraão morreu, assim como os profetas; contudo, você diz: ‘Quem guarda a minha palavra jamais provará a morte’. Você é maior do que o nosso pai Abraão, que morreu? Os profetas também morreram. Quem você pensa que é?” Jesus respondeu: “Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não significa nada. Quem me glorifica é o meu Pai, aquele que vocês chamam de Deus, embora não o conheçam. Eu o conheço; se eu dissesse que não o conheço, seria mentiroso como vocês. Mas eu o conheço e guardo a sua palavra. Abraão, o pai de vocês, alegrou-se por ver o meu dia; ele o viu e se regozijou.” Os judeus, então, disseram-lhe: “Você ainda não tem cinquenta anos e viu Abraão?” Jesus respondeu: “Digo-lhes a verdade: antes que Abraão existisse, eu sou.” Então, pegaram pedras para atirar nele. Mas Jesus escondeu-se e saiu do templo.

Chegamos ao Domingo da Paixão; Temos quinze dias restantes para continuarmos nossas meditações sobre algumas das Estações da Paixão de Nosso Senhor.

No domingo passado, o deixamos abandonado no Jardim do Getsêmani; hoje o encontramos novamente diante de Pilatos, para contemplar como os judeus o rejeitaram e exigiram Barrabás em seu lugar, a flagelação, a coroação de espinhos e o Ecce Homo. Comecemos.

Os judeus cometeram um pecado gravíssimo ao preferirem Barrabás a Jesus Cristo. Que mudança radical de ordem nesse frenesi que se rebela contra o Autor da vida e clama pelo perdão de um assassino, mil vezes merecedor da morte!

Mas não nos indignamos com os judeus; eles são menos culpados do que nós... Todo pecador segura uma espécie de balança na mão: de um lado, coloca Deus, o Bem supremo, a quem deve preferir acima de todos os outros bens, e do outro, um prazer passageiro, uma satisfação brutal e vergonhosa; ele os pesa e reflete sobre o que será mais vantajoso, Deus ou uma satisfação miserável; E, indo direto ao ponto, ele julga que o bem aparente tem mais mérito do que Deus.

Não há nada de exagerado nessa descrição. Assim como os judeus disseram a Pilatos:

"Não queremos Jesus; preferimos Barrabás", também o pecador, no momento do seu pecado, diz: "Esta criatura me é mais querida do que Deus; a satisfação da minha paixão é preferível a Deus".

Pilatos ficou cada vez mais perplexo com a escolha estranha dos judeus, que preferiam Barrabás a Jesus Cristo. Para fazê-los corar e reconsiderar essa transgressão, perguntou-lhes: “O que farei com Jesus?”. Como se quisesse deixar a decisão a seu critério, colocar o destino de Jesus Cristo em suas mãos, como se esperasse vencê-los pela mera ponderação.

Mas eles, cada vez mais cruéis, começaram a gritar, exigindo a crucificação de Jesus.

Ó, a cegueira da maldade inexcusável! Agora Jerusalém, nas palavras de Isaías, tornou-se um covil de dragões venenosos e monstros infernais, pois esses homens, sem razão nem piedade, depois de exigirem a libertação do criminoso, ainda bradam, exigindo a morte do Salvador inocente.

Após ouvir os gritos dos judeus exigindo a crucificação de Jesus Cristo, Pilatos permaneceu em silêncio por um instante, aguardando que a comoção diminuísse; ele não conseguia explicar a obstinação daquela crueldade que exigia o tormento de um homem inocente. Além disso, ele temia falhar em seu dever como juiz cedendo ao clamor; além disso, estava profundamente perplexo com a insistência de sua esposa.

Então exclamou: “Mas que mal fez este homem?” Isso visava declarar Jesus inocente e demonstrar sua intenção de restaurar sua liberdade. Mas os judeus, cada vez mais implacáveis, começaram novamente a exigir que ele fosse crucificado.

Eles não responderam à pergunta do presidente, porque, na realidade, não podiam provar que Jesus tivesse feito o menor delito; mas continuaram seus gritos com renovada violência, buscando sua condenação por meio da animosidade e da blasfêmia.

Os judeus responderam a Pilatos três vezes, e cada uma dessas respostas os tornava mais culpados.

Pilatos persiste em sua resolução de não condenar Jesus Cristo e repete que não há razão para pronunciar sentença contra ele. Os judeus, por outro lado, persistem em impor sua condenação de uma forma ou de outra, especialmente levantando gritos cada vez mais violentos e tentando fazer com que o engano prevaleça sobre a justiça.

Tentemos compreendê-los à luz da fé.

Com justiça, a sabedoria divina proclamou a inocência de Jesus e quis que Ele fosse condenado como culpado; com isso, revelou que Ele era a vítima pascal pura e imaculada, destinada a expiar com a Sua morte, não os Seus próprios pecados, mas os de toda a humanidade.

Ó, a profundidade dos juízos de Deus!

+++

Chegamos agora ao momento mais crítico, em que Jesus Cristo tinha de ser absolvido como inocente ou condenado como culpado.

Não havia meio-termo: ou Pilatos triunfava, absolvendo o acusado, ou o povo queria crucificá-Lo.

Pilatos sabia que Jesus Cristo era um homem justo; sabia também que os judeus o tinham caluniado maliciosamente e que a sua crueldade chegara ao ponto de quererem crucificá-Lo. Certamente cometia um pecado imperdoável ao ceder à sua exigência injusta através da condenação do inocente.

Mas, na presença do povo, mandou trazer água e lavou as mãos, querendo mostrar com esse sinal que sua consciência permanecia pura e que não tinha participação no crime que estava prestes a ser cometido com o derramamento do sangue daquele homem justo; que somente aqueles que haviam proferido tantos gritos eram responsáveis.

Este juiz injusto vê claramente a culpa dos judeus, mas não a sua própria, porque se recusa a reconhecê-la; tenta enganar a si mesmo com ilusões lisonjeiras, e mesmo que se recuse a fazê-lo, não é menos culpado.

Este fato merece nossa reflexão.

O crime dos judeus é muito maior do que o de Pilatos; é verdade que eles não reconheceram Jesus Cristo como o verdadeiro Deus; mas poderiam e deveriam tê-lo reconhecido por causa de seus milagres, seus ensinamentos e os oráculos dos profetas. Sua ignorância foi deliberada; e não tendo outro motivo senão o ódio e a inveja, tornou-se uma ignorância fingida, o que tornou seu crime ainda mais grave e indesculpável.

Pilatos atribuiu a culpa pelo derramamento injusto desse sangue inocente à consciência deles. E eles responderam: “Que o seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!”

Pilatos ouve as imprecações dos judeus, que exigem justiça sobre si mesmos e sobre todos os seus descendentes para vingar o sangue inocente — imprecações cruéis e horríveis que o deixam atônito.

Ele imediatamente liberta o sedicioso Barrabás, cujo perdão eles imploraram, e abandona Jesus Cristo à vontade deles; mas eles não desejam nada mais do que condená-lo à morte na cruz. O Evangelista faz questão de dizer que ele o entregou como presa à vontade deles…

+++

E o que diz o justo Jesus? O que ele pensa em meio a tanto sofrimento cruel? Vendo o cumprimento da profecia de Isaías, de que a iniquidade prevalece sobre a justiça, ele adora com profunda submissão a justiça de seu Pai celestial e permanece em silêncio, a serenidade de sua alma não perturbada minimamente pela injustiça dos homens.

Pilatos reconhece que essa concessão é uma grande injustiça cometida contra um inocente; esse pensamento o leva a arquitetar outra maneira de garantir sua libertação. Ele resolve açoitá-lo, na esperança de que o povo fique satisfeito, apaziguado e até mesmo comovido a ponto de não querer ir mais longe.

Era costume açoitar homens condenados à crucificação; mas parece que, aqui, Pilatos foi guiado mais pelo desejo de libertar Jesus e poupá-lo da morte, apaziguando seus inimigos com a visão de seu flagelamento.

Essa sentença é, contudo, injusta e bárbara.

Os capangas cercam o Salvador e o arrastam violentamente para o Pátio Pretoriano, para o pelourinho onde os assassinos e criminosos mais infames eram amarrados para receber esse castigo.

Que alegria os judeus devem ter sentido ao ver que Pilatos, de alguma forma, reconheceu seu acusado como verdadeiramente culpado, merecedor da morte, e o condenou a esse castigo, geralmente reservado para homens que cometeram os crimes mais graves!

Mas que alegria deve ter sido para Jesus ver chegar esta manhã, predita por seus profetas, e que ele próprio anunciara e ansiara, para derramar seu sangue pela salvação do mundo sob o chicote dos executores! A apreensão que o mergulhou em tão profunda tristeza no Jardim do Getsêmani agora se transforma em alegria, pois chegou o momento em que seus tesouros serão abertos e pagarão o preço da nossa redenção.

Assim que Jesus chegou ao grande pátio do palácio, onde seria açoitado, os executores se apressaram em libertá-lo de suas correntes, despi-lo de suas vestes e expô-lo nu; e lá estava seu corpo, tão casto e tão belo, aparecendo nu diante dos olhos de todos.

Sua alma permanece revestida de beleza, força e santidade; mas seu corpo agora está coberto de vergonha, em uma nudez supremamente desonrosa para sua modéstia e pureza virginal.

Este Deus, que mais tarde vestiu os corpos de tantas virgens santas com luz para poupá-las do tormento da nudez que os tiranos acrescentaram ao tormento do seu martírio, como poderia Ele não ter operado este milagre para Si mesmo?

Vale lembrar que a vergonha da nudez é um dos castigos pelo pecado de Adão; Jesus Cristo a sofre para poupar os pecadores da terrível confusão que os aguarda quando, no dia do juízo, as suas iniquidades forem reveladas ao mundo… A nudez do Seu corpo visa cobrir a ignominiosa nudez das nossas almas com o esplendor da graça e da virtude.

+++

As nossas reflexões irão agora concentrar-se na flagelação de Jesus Cristo. É importante notar aqui, antes de mais, que os Evangelistas mal mencionam esta tortura; descrevem-na, no máximo, em duas palavras.

Talvez as suas penas se horrorizassem com esta ignomínia indizível; Talvez, e isso é mais provável, eles tenham sido tão lacônicos para nos deixar, neste mistério, apenas uma semente de verdade que, por meio de nossas meditações devotas, possamos nutrir em nossos corações. Tenhamos cuidado para que ela não se torne improdutiva.

A lei estipulava que os culpados deveriam ser açoitados com maior ou menor severidade, proporcionalmente à gravidade de seu crime; mas o número de golpes não deveria exceder quarenta.

Para Jesus não havia lei, nem medida, nem ordem, e, portanto, nenhum número; porque Ele havia tomado sobre si os pecados do mundo inteiro, que são inumeráveis; Ele desejava expiar todos, suportando os castigos que lhes correspondiam, castigos também inumeráveis.

Podemos, portanto, concluir corretamente que os golpes da flagelação eram inumeráveis e que essa tortura não tinha outra medida senão a dos castigos devidos ao pecador.

Um único golpe, uma única ferida, uma única gota de Seu sangue, em virtude da união de Sua divindade com Seu corpo sagrado, teria bastado para redimir toda a humanidade; mas o que era suficiente para satisfazer a justiça divina não era suficiente para satisfazer Seu amor, e se a natureza humana pudesse ter suportado mais sofrimento, de bom grado o teria buscado, justamente porque não sofre para seu próprio benefício, mas para o nosso.

+++

Após a flagelação, os executores, vencidos pelo cansaço, descansaram um pouco; mas a Jesus não foi concedido nem um instante. Mal havia recuperado suas vestes quando seus inimigos se lembraram da acusação de que ele desejara se tornar rei; correram para pedir a Pilatos permissão para vesti-lo como um falso rei e zombar dele às suas custas.

Para tanto, levaram-no à Guarda Pretoriana e convidaram toda a coorte de soldados para assistir, para que a afronta fosse ainda mais cruel; então prepararam este horrível espetáculo no qual fariam o Filho de Deus, o Rei dos reis, o Rei da terra e do céu, parecer um rei impostor.

Pegaram um feixe de espinhos longos, duros e afiados, fizeram uma coroa e a colocaram em sua cabeça como símbolo da vergonha e da dor da única realeza que reconheciam nele.

A flagelação deixou Jesus Cristo coberto de feridas por todo o corpo, dos ombros aos pés; Apenas a sua cabeça permanecia ilesa, embora estivesse machucada por socos, golpes e outros maus-tratos.

É precisamente através dos espinhos com que foi coroado que se cumpre a profecia, segundo a qual o seu corpo sagrado não deveria apresentar um único lugar, da cabeça aos pés, que não fosse uma ferida.

Nada é desprovido de mistério na Paixão, que, destinada a obter a remissão completa de todos os nossos pecados, tinha, por assim dizer, em cada um dos seus detalhes, como propósito especial a expiação de toda espécie desses crimes.

Não há uma única parte do nosso corpo que não tenha sido usada para o mal; portanto, não há uma única parte no corpo de Jesus Cristo que não deva ser sujeita a uma punição particular.

Ora, é na mente que formamos e retemos pensamentos criminosos; portanto, é provável que tenha sido por causa deles que ele escolheu receber a coroa de espinhos.

+++

Pilatos sabia a que maus-tratos Jesus Cristo foi submetido; Ele permaneceu em silêncio e deixou as coisas acontecerem, na esperança de apaziguar os judeus, sempre na esperança de que eles finalmente se acalmassem e que sua fúria não chegasse ao ponto de exigir sua morte.

Mas esse povo miserável, cada vez mais cruel por causa da noção, por mais falsa que fosse, de que ele queria se tornar rei de Israel, estava ansioso para continuar a farsa que havia começado e se divertir zombando dele como um rei ridículo e imaginário.

Depois de colocarem a coroa de espinhos em sua cabeça como um diadema, drapearam um pano tingido de púrpura sobre seus ombros como uma túnica real — um pano velho, gasto e sujo, para que sua degradação ficasse ainda mais evidente sob tais adornos de majestade real.

Para fazer Jesus Cristo parecer com todos os adornos de um rei farsante, depois de colocarem uma coroa de espinhos em sua cabeça como um diadema e um pedaço esfarrapado de púrpura imunda sobre seus ombros como uma túnica real, colocaram uma cana vil em sua mão em vez de um cetro.

O objetivo era demonstrar que era uma loucura reivindicar o título de rei, que seu reinado é vão, impotente e sem autoridade, já que ele não pode nem mesmo se defender de tais ultrajes.

Jesus está sentado, coroado de espinhos, vestido com o manto púrpura, com sua cana na mão; os soldados, cruelmente, se esforçam para zombar e insultá-lo, com a maior insolência temerária.

Agora que o vestiram como um rei ridículo, zombam dele como se fosse um brinquedo, lançando-lhe insultos e zombarias e ridicularizando-o como um tolo que fingia ser rei sem ter os meios para tal.

Passaram por ele um após o outro, saudando-o com estas palavras: Salve, Rei dos Judeus!

O que resta agora para que os oráculos de seus profetas se cumpram plenamente? Os judeus se misturam aos soldados.

Observemos esses bufões ignóbeis, cheios de ódio e fúria, e o bendito Jesus, que permanece ali de olhos baixos, modesto, pacífico e manso diante de tantas afrontas.

Esses miseráveis já não sabem o que dizem ou fazem; mas sua ignorância perversa opera grandes mistérios para nosso benefício.

Chamam-no de rei para lhe acrescentar ainda mais vergonha; na realidade, afirmam a sua dignidade real; dizem a verdade sem se darem conta disso.

Os judeus informam os soldados de que Jesus Cristo alegava possuir não só dignidade real, mas também a de Filho de Deus.

Essas pessoas miseráveis usam isso como pretexto para submetê-lo a um novo tipo de ultraje; à zombaria dirigida ao falso rei, acrescentam agora outros insultos, ajoelhando-se diante dele da maneira mais indecente e fingindo adorá-lo apenas para demonstrar que ele não passa de um falso deus.

Os tolos acreditam que, se ele fosse Rei ou Deus, poderia defender-se e não deixaria de fazê-lo; mas, como ele permanece em silêncio, ocultando o seu poder e revelando apenas a sua paciência, provocam-no com esses atos cada vez mais ignominiosos.

Não lhes basta tê-lo exibido diante de toda a tropa de soldados reunida para zombar dele; para envergonhá-lo ainda mais, querem apresentá-lo a Pilatos e aos nobres romanos da sua corte.

Ao vê-lo tão desfigurado e emaciado, o magistrado ficou tomado de horror. Apesar de ser pagão, Pilatos tinha uma natureza gentil e benevolente, e não conseguia compreender a ferocidade dos judeus.

+++

Movido pela compaixão, sentiu um forte desejo de libertar aquele infeliz homem cuja inocência reconhecera e que, longe de poder reivindicar quaisquer direitos reais, já nem sequer se assemelhava a um homem. Portanto, resolveu mostrá-lo ao povo, convicto de que nenhum homem, por mais violento que fosse seu ódio ou raiva, suportaria vê-lo punido tão severamente e reduzido a um estado tão miserável sem ser apaziguado.

Numa tentativa de aplacar a fúria dos judeus, que, em estado de exaltação feroz, aguardavam o desfecho do julgamento na praça do mercado, Pilatos avançou em direção a eles pela galeria, conduzindo Jesus Cristo, para mostrá-lo a todos.

“Vejam”, disse ele, “estou trazendo este homem até vocês para que, ao verem seu estado miserável e deplorável, vocês reconsiderem e acalmem sua ira contra ele. Pois eu lhes asseguro que ele é inocente de qualquer crime e não há razão para condená-lo.”

Com essas palavras, o presidente expressou seu sincero arrependimento; confessou ter açoitado injustamente o bendito Jesus; reconheceu sua inocência, e essa admissão tornou-se em seus lábios um argumento claro e poderoso para demonstrar que, se

açoitar o inocente Jesus Cristo já era uma injustiça, condená-lo à morte seria uma injustiça muito maior.

Pilatos, vendo que tudo o que dizia em favor de Jesus Cristo era inútil e apenas inflamava ainda mais o ânimo tumultuoso do povo, voltou-se para o Salvador e o conduziu ao centro da galeria, para que todos o vissem coroado de espinhos, armado com a vara, vestido de púrpura, e para que as marcas dos maus-tratos a que acabara de ser submetido obrigassem todos os espectadores a reconhecer que, dada a sua inocência, fora punido excessivamente.

Podemos sequer imaginar a vergonha e a confusão do Rei da Glória e Monarca do Universo, aparecendo neste estado deplorável diante de tão vasta multidão?

Para compreender a profundidade da sua humilhação, o nosso olhar teria de alcançar a sublimidade da sua grandeza; portanto, nunca nos esqueçamos de que ele é Deus, enquanto meditamos sobre as ignomínias a que a sua humanidade se submete.

É um Deus-Homem que é aqui exposto como um falso rei; Assim como, ao realizar milagres, o poder de Sua Divindade se tornou objeto de honra para Sua humanidade, também a degradação de Sua humanidade em meio a insultos é uma humilhação para Sua Divindade…

Mas como pode este Deus, a sabedoria do Pai, que nada faz sem razão, desejar ser humilhado a tal ponto? Ele desce às profundezas da humilhação para elevar a humanidade à glória.

Jesus, portanto, exposto aos olhos de Seus inimigos, em um estado de vergonha indescritível, Pilatos levanta a orla de sua túnica púrpura, para que todos possam ver o Salvador dilacerado por açoites, coberto de feridas, ensanguentado e desfigurado a ponto de não mais apresentar forma humana.

Ao mesmo tempo, ele simplesmente diz estas palavras: “Eis o homem!”

Ele estava convencido de que produziriam o mesmo efeito como se tivesse dito: “Se vocês temem que este homem se proclame rei, observem o estado a que o mau tratamento o reduziu; não o torna isso mais digno de compaixão do que de ódio?”

+++

Enquanto Pilatos apresenta Jesus Cristo aos judeus, dizendo: “Eis o homem”, para despertar neles algum senso de humanidade, vejamos o Pai Eterno nos mostrando este Filho amado e nos dizendo: “Eis o homem!”

Abramos os olhos do nosso entendimento para este espetáculo e os ouvidos dos nossos corações para esta voz.

“Eis o homem”, disse o Pai do Céu; “eis aquele que enviei ao mundo para a vossa salvação, como penhor do amor perpétuo com que sempre vos amei.”

Busquei até agora e não encontrei ninguém que pudesse se interpor entre a minha criatura e eu para aplacar a minha justa ira… Mas eis o homem, não apenas um homem, mas um Deus-Homem, a imagem da minha essência, o único capaz de servir como Mediador e reconciliar o homem com Deus.

O pecado vos baniu do Céu e vos condenou ao inferno, e ninguém podia vir em vosso auxílio; mas eis que eis o homem, o filho do homem e meu Filho, destinado a ser o vosso Redentor e o vosso Salvador.

Este é o homem que é o mestre da verdade, o modelo de santidade, cujo exemplo deveis seguir se quiserdes ser salvos.

+++

Pai eterno e amorosíssimo, quão gratos somos por nos terdes amado tanto a ponto de sobrecarregar o vosso Filho com um dilúvio de males tão terríveis, devidos somente a nós.

Admirável Caridade! Como podemos expressar a consolação que nos preenche quando meditamos sobre os excessos do vosso amor?

Mas como não nos sentirmos confusos ao compararmos nossa maldade com o exemplo de teu Filho?

Ah! Pai Eterno, já que nos apresentas este Homem e nos ordenas a imitá-lo, triunfa sobre nossa maldade por tua misericórdia; socorre nossa fraqueza com tua graça, para que ela apague de nós os vestígios de nosso antigo eu terreno, reformando-nos à imagem deste Homem divino.

Compartilhe nossa publicação